

IN 51
Qualidade com
novos prazos e
novas normas

BALDE BRANCO

ENTREVISTA
JOSÉ QUINTANA
O leite na Argentina e no mundo

Indicadores de
gestão ágeis e
objetivos para
quem produz

Produtor adota
Girolando 5/8
como referência
no rebanho

Silagem de
grãos de aveia:
opção nutritiva
e econômica

TEMPO DE OPORTUNIDADES

A atividade leiteira no Brasil está diante de boas e oportunas chances no mercado interno e externo. Aproveitá-las ou não depende de ações integradas do setor, cujas decisões vão determinar o avanço ou o recuo do negócio no País



ARTUR CHINELATO

ACREditAR

A esperança é uma das melhores virtudes do ser humano, e o início do ano é uma ótima oportunidade para revitalizá-la. Na família de Vivaldo Dias de Almeida, da esposa Edna, dos filhos Edvan e Edvânia, e do genro Samuel, proprietários da Colônia Alegria, localizada em Brasiléia-AC, divisa com a Bolívia, essa virtude é exercitada todos os dias.

No Acre, pequenas propriedades são chamadas de colônias. Brasiléia está na rota da estrada do Pacífico, a BR-317, também conhecida como rodovia Interoceânica, uma obra fundamental que ligará o Brasil ao Oceano Pacífico, facilitando a chegada de vários produtos da agropecuária brasileira à Ásia, mais especificamente, à China, a grande "boca do mundo". A distância de Assis Brasil-AC, o último município brasileiro na tríplice fronteira Brasil-Bolívia-Peru, até o porto de Ilo, no Peru, é de pouco mais de 1.200 km.

Por estarem localizadas no bioma amazônico, todas as propriedades rurais da região são obrigadas a preservar 80% de sua área total. A Colônia Alegria possui 83 ha de área total e, portanto, uma gleba explorável de apenas 16 ha. Lei é lei, e deve ser cumprida.

O que me deixa indignado é que qualquer cidadão urbano que seja desapropriado por estar no caminho do progresso e, portanto, em área de interesse da sociedade, será desapropriado e indenizado, enquanto no meio rural, não. O proprietário rural, além de ter parcela importante de sua propriedade, a bem dizer, "confiscada pela sociedade", e de não ser indenizado, ainda ficará responsável pela conservação da mesma, podendo ser responsabilizado por qualquer dano que esta venha a sofrer.

Os cenários da coleta do leite em caminhões-tanque, ou mesmo em pequenos caminhões apinhados de latões, tão comuns para produtores de leite de todo o Brasil, em Brasiléia não existe, apesar da crescente pro-

dução leiteira na região. Os produtores de leite são obrigados a fabricar queijos e outros derivados e vender em domicílio. Existe um terreno onde paredes foram erguidas para a instalação de um futuro laticínio ou cooperativa, mas que até ontem não coletava um só litro de leite, apesar da promessa dos dirigentes de que "do próximo mês não passa". Estive lá algumas vezes, e a conversa foi sempre a mesma.

Um desses produtores de leite que não deixam de ACREditar em dias melhores é Vivaldo, que vem se preparando nos últimos quatro anos para ser um profissional no setor. No início do trabalho produzia de 10 a 15 litros de leite diariamente, apenas para consumo, utilizando quase todos os 60 ha desbravados. Quando as colônias foram abertas, todos os produtores tinham a obrigação de desmatar para não perder suas terras. Na época do milagre brasileiro, o lema era "integrar para não entregar". Hortaliças e gado de corte sustentavam a família, mas a renda não era a esperada e com o cenário de cumprimento da lei ambiental, a sobrevivência estaria ameaçada. Cumprir a lei e morrer de fome, descumprir a lei e sobreviver ou ir embora para a cidade. O que fazer?

Em fevereiro de 2008 participou de uma reunião na sede do município, organizada pelo médico veterinário Eduardo Milke Brandão Reis, professor da UFAC-Universidade Federal do Acre, onde uma nova maneira de produ-

zir leite em pequenas áreas foi apresentada. Ele não sabia, mas seu futuro começava a ser mudado e se tornaria um exemplo aos produtores do Acre.

Com um faro impressionante para negócios, Vivaldo percebeu a oportunidade de melhoria na qualidade de vida. ACREditou, vendeu os

animais de corte e adquiriu "vacas leiteiras". Creditar às vacas compradas o título de leiteiras era um exagero, mas elas tiveram sua importância ao permitirem que o produtor cometesse erros, que aconteceram, corrigisse-os com a ajuda do

prof. Eduardo, que passou a assisti-lo, e retomasse o rumo certo. Elas deram o tempo e a condição para que o produtor aprendesse a manejar tanto o pasto quanto o rebanho e o produto leite.

Um hectare de braquiário foi dividido em 28 piquetes de 375 m² (25 x 15 m). O solo dessa gleba foi analisado quanto à sua fertilidade, corrigido com calcário vindo de Rondônia, a preços estratosféricos que em dado momento chegaram a R\$ 450 a tonelada, e adubado com fertilizantes como a ureia, que chegou a ser vendida por R\$ 3.000 a tonelada. Os recursos vieram de parcela do capital auferido com a venda dos animais de corte. As "vacas leiteiras" acabaram chegando antes da recuperação da pastagem, erro básico e comum a quase todos os produtores brasileiros.

Quando, enfim, as vacas tiveram acesso aos piquetes de braquiário adubados, Vi-

valdo se espantou com algumas delas, que passaram de 5 para 12 litros diários. A essa altura em 2010, a produção de leite atingira 70 a 80 litros, mas como a persistência de lactação das vacas era baixa, e, consequentemente, o período de lactação era curto, algo em torno de 7 meses, a produção teimava em cair para uns 30 litros por dia em certa época do ano. Nesses momentos, a certeza do futuro fica abalada, e é aí que a presença do técnico capacitado e comprometido com o sucesso da propriedade passa a ser fundamental. Nessas situações, a confiança mútua entre técnico e produtor, ambos, ACREditando no trabalho, sai revigorada.

Nos períodos de verão (época de seca na Amazônia - maio/junho a setembro/outubro), a falta de pastagem é um fato. Conversas no sentido de implantação de irrigação foram feitas, mas a resposta era recorrente: "é muito caro". Visitar algum produtor que estivesse irrigando pasto seria o caminho normal para mostrar os benefícios dessa prática, mas era inviável devido aos custos da longa viagem aos Estados vizinhos.

A solução encontrada pelo técnico foi combinar a irrigação de 25% da área de um piquete, algo em torno de 100 m², com uma mangueira utilizada na irrigação das hortaliças, por três horas todos os dias. O resultado da interação entre luminosidade intensa, temperaturas acima de 40°C, fertilidade do solo e água foi espetacular, e Vivaldo sentiu a diferença no balde. Não pensou duas vezes, e com recursos de um pequeno financiamento bancário adquiriu o equipamento para a irrigação do pasto.

Com seu pioneirismo, Vivaldo introduziu numa área de 0,8 ha uma nova pastagem, a grama tifton, e nesta área implantou a irrigação. Faltavam ainda vacas que pudessem ser chamadas de leiteiras. Correu atrás de outro financiamento, adquirindo além do equipamento de ordenha, 17 vacas jovens es-

"Só não estou com 300 litros, porque não tenho mercado para todo o queijo que produzo. Se tivesse, o céu seria o limite"